

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados do Entrevistador e do projeto:

Nome: Elis Regina Barbosa Angelo

Data: 27/07/2016

Nome do Projeto: Leituras do Patrimônio Cultural em Outros Territórios Simbólicos: As

Representações Culturais do Padre Cícero na Feira de São Cristóvão – Rio de Janeiro

Dados do Depoente

1) Nome completo: Dona Luiza Maria dos Santos

2) Local e data de nascimento:

3) Endereço atual: Juazeiro do Norte- Ceará

4) Profissão atual:

Profissões anteriores:

Ficha técnica:

Tipo de entrevista: história temática: Padre Cícero

Entrevistadora: Elis Regina Barbosa Angelo

Levantamento de dados: Elis Angelo; Gabriel Almeida

Pesquisa e elaboração do roteiro: Elis Angelo

Conferência da transcrição: Elis Angelo

Técnico de gravação: Elis Angelo

Local: Residência de Dona Luiza - Horto do Padre Cícero

LOCALIZAÇÃO

Endereço: Casarão do Padre Cícero, Colina do Horto, S/N

Juazeiro do Norte/CE, 63012-010

Fone: (88) 3511-6006 | 3511-4177

ESCRITÓRIO

Endereço: Casarão do Padre Cícero, Colina do Horto, S/N

Juazeiro do Norte/CE, 63012-010

Fones: (88) 3511-6006 | 3511-4177

Data: 27/07/2016

Duração: 00:27:17

Temas: Padre Cícero, Mudanças sobre Juazeiro, Padre Cícero e Lugar Sagrado

Transcrição: ANA CARLA RICCE TELLES CORRÊA

Gravação no 14

Continuação do áudio 14

Transcrição AUDIO_15

HOMEM: ((ruído)) e ela tava terminando sabe o quê? as/as estações, que ela ia doar pro... Eu tô pelejando pá ver se eu convenço meu irmão de terminar. Ele ficou no lugar dela, meu irmão.

SENHORA: Foi ali naquele/naquele local por ali...

HOMEM: é, em frente ao globo.

SENHORA: [na cozinha aqui. Não tem nada =

HOMEM 2 : ...**(difícil identificação)** de outra casa.=

SENHORA: Ähn!?

HOMEM 2: Pensei que tava precisando de outra casa. (risada)

HOMEM: Agora tudo isso aqui é por causa dele.

SENHORA: É. Mas aqui é uma cozinha reservada. Como a porta tá aberta, tem muito bem, aqui era **(difícil identificação)** Padre Cisso. E ele ia comê naquela mesa lá, muito bem. Agora quando o meu filho passar, aí fecha a porta. ((ruído)) Ô Vinícius importante! (risos) Encosta a porta, viu meu anjo!?

HOMEM: Quer dizer que todo dia a senhora recebe gente, né!? Todo/todo dia a senhora tem gente aqui, né!?

SENHORA: Todo dia...Me procurando...

((Vozes e ruído))

ENTREVISTADORA: O que significa pra senhora o Padre Cícero?

SENHORA: Significa que ele fez muita caridade, foi muito bondoso, muito carinhoso com o povo. Pra mim ele faz parte do trono! Quem é bom, a pessoa boa, neste mundo é

um santo! (Risos) Eu tô/tô rindo porque eu vou contar ele, é só que ele/ele é um outro santo filho de uma santa. Aquela mulher era muito boa pra sará, eu gostava de olhá pra ela e os santo dela. Aí, a mulher freira, tem freira que é caridosa, né!? Ela viu o menino bem pequeninim, andando na rua, no fundo da casa tinha (difícil identificação), saiu perambulando. Aí ela tinha um salão grande só de criança. Aí ela disse: “Meu filho, meu filho aonde você vai?” - de baixo da ponte, era um anão. Aí ela disse: “meu filho, eu vou lhe levar lá pra casa, você quer ir? Lá é cheio de criança. “Eu quero, como num tenho pai num tenho mãe.” – Aí ela levou. Chegou lá ela/ela teve tanta pena e gostou dele, foi dá um banho na criança.

(RISOS DE OUTRA PESSOA)

SENHORA: É, ele, ele... Aí ela disse “ agora fica (difícil identificação)

ENTREVISTADORA: Ela foi dar um banho nele?

SENHORA: É... Tudo meu tem que (difícil identificação) .Sim! Aí, deixa me firmar aqui, nessa hora eu tava sabida, mas tinha hora que eu tava abestalhada contando história, sem saber o que é e aí ele ia me firmando, mas nessa hora eu num fui besta não. (não entendi)...., de Minas, num sei de onde... Aí ele pergunto, disse: “ Me diga uma coisa, no seu tempo, como era? – Eu disse: “ No meu tempo era o tempo da besteira, dos pai que era abestaiado, num educava os filho. – “Meu filho eu quero ir pra escola”. – “Vai tabaiá, quando for o fim do ano pa você ter o que comê e a escola num dá o que comê não.” – No meu tempo era assim, não era!? E hoje não, hoje em dia eu vou pra missa eu vejo um menino deste tamanho lendo a leitura, não é!? E no meu tempo era de dá dó, na mata, matando passarinho, matando lagartixa, essas coisa brincando. E hoje em dia o garoto deste tamanho [=

HOMEM: Sabe mecher no celular e tudo... =]

SENHORA: Tudo... Só num sabe fazê. E aí.. o tempo é hoje. Sim! Aí, diga, outro vem me firmar, no quarto, botou uma máquina bem grande bem em cima de mim (difícil identificação). Aí ele pegou perguntá coisa como era aqui, como não era e eu desde de manhã dizendo. Aí ele foi me perguntá, aí disse: - “ O que é que vocês acha dessas moça

xirida de hoje em dia, tudo agarrada com os homem. Que no seu tempo num era assim, o quê que você acha dessas moça de hoje, diga/diga que eu quero ficá, eu quero sabê como era na/no tempo de vocês criança, jovem.”. Aí eu fui e disse pra ele, disse: “Meu sinhô, cada um vive como qué, o tempo é esse, aproveita quem quiser esse tempinho, e eu se você quer de mim eu digo a você, qué firmar que o sinhô tá afirmando se eu fosse nova, faria do mesmo jeito delas. Num pergunto mais nada... (risos)

HOMEM: Pensou que ia reprimir, ia dizer alguma coisa, né!?

SENHORA: É...

ENTREVISTADORA: Cada um no seu tempo né!?

SENHORA: É...

HOMEM: Eu acho que aquele tempo era muito melhor que o de hoje.

SENHORA: Era milhó só pra umas coisa.

HOMEM: É... pra umas coisa, é...

SENHORA: Só algumas... Mas outras, num era... Hoje/antigamente, as moça era tudo besta, bestaiada... Que disse que (risos) Contam que foi um dia diz que tava um bucado de moça sentada, aí quando foi se levantar, uma dizia: “Eu num sei qual é a minha perna!” (risos) “ Eu num sei minha perna qual é..”. – Aí o rapaz passando, ele já sabido, aí foi e danou “pa” uma perna e disse: “ Tua perna é essa.” “Ahh (difícil identificação). E hoje em dia não, hoje em dia são tudo família, cai no/na besteira se quiser, mas... Eu vejo as menina daí conversando, menina, menina! Quanto mais moça, só casa se quiser. Hoje em dia num tem mais ninguém, agora/antigamente era tudo besta, besta-iada. Vez chegava um rapaz, doida ela pa conversar com ele e o pai. Tem um café aí, quem trazia era a véia, as moça num trazia. Isso era tempo? Tempo é esse? Um rapá, outro quisé, quem quisé, mas o tempo era esse. Agora quem quiser vai pra orar ali, pro São Pedro. Mas o tempo era esse.

ENTREVISTADORA: Muito bem, Dona Luiza...

SENHORA: ... (difícil identificação) beata, nunca fui nem há de ser nunca beata. Se eu fosse era uma freira.

HOMEM: (difícil identificação) ainda tem alguma beata?

SENHORA: Se tiver é mentira delas.

HOMEM: Também acho.

SENHORA: Desde o tempo de Padre Cisso, a beata (difícil identificação)

HOMEM: Agora, tinha uma beata lá no Socorro...

SENHORA: Uhn!?

HOMEM: Dona/Dona....

SENHORA: Diz!

HOMEM: Dona Maria! Ela era lá do Socorro, bem perto da/da rua Conceição.

SENHORA: Era (difícil identificação)?

HOMEM: Era.

SENHORA: Morreu.

HOMEM: Morreu!... (Falou com voz baixa)

SENHORA: Mas num tem mais...

HOMEM: Ela era beata porque todo mundo só chamava ela de beata.

SENHORA: De beata...

HOMEM: Que, na verdade, era a MÃE dela que era beata.

SENHORA: Ãhn!?

HOMEM: Na verdade era a mãe que era beata. E ela foi quem... ela/ela foi/foi criada chamada como beata Maria, beata Maria, beata Maria...

SENHORA: Hm... Num sei nada...

HOMEM: Ela era avó... É! De uma ex-namorada minha.

SENHORA: Avó de??

HOMEM: Uma ex-namorada...

SENHORA: Aí você casou com a ...?

HOMEM: Ela morreu de/a... com câncer.

SENHORA: A ex-namorada?

HOMEM: Ô! Não! A/a beata... Ela morreu, não tinha quem aguentasse no Socorro, todim ficou podre! (Pausa) Estorou... Ficou a coisa mais... eu num esqueço aquele cheiro mais nunca na minha vida! Morava lá!

ENTREVISTADORA: Onde era o câncer?

HOMEM: No Socorro...

ENTREVISTADORA: Não, o câncer. Onde era? O câncer era aonde?

HOMEM: Era no intestino, tava todo canto!

SENHORA: De você contá isso, eu me lembrei de Padre (não identifiquei o nome) no Salesiano (difícil identificação) lá no colégio. Quando ele deitou (difícil identificação) das Santa que sofreram no seu tempo. Aí...

HOMEM: Quem era? Seu Roberto era?

SENHORA: Uhn!?

HOMEM: Quem era? Padre Roberto? Quem era?

SENHORA: Não. Padre (não identifiquei o nome) . Você num conheceu não?

HOMEM: Padre qual?

SENHORA: (não identifiquei o nome), o italiano.

HOMEM: Não era Benturano (hipótese) né!?

SENHORA: Não, Benturano não, Benturano (não entendi). Você conheceu Salesiano?

HOMEM: Eu estudei lá... 10 ano.

SENHORA: Quem? Com quem?

HOMEM: Lá no Salesiano.

SENHORA: O professor.

HOMEM: Eu estudei com o Padre Roberto, Padre Elias...

SENHORA: Num fale em Elias...

HOMEM: Elias era/é uma maravilha de homem!

SENHORA: Quando chegava aqui, ele dá um abraço/dá um abraço té quebrá a cintura...

HOMEM: Num existe não. Aquele homem num existe não!

SENHORA: Ele tá gordo, tá com “buchim”. Eu digo “meu filho (não entendi)...”

HOMEM: Pense num homem maravilhoso aquele ali!

SENHORA: Hein!? Tá gordo, ta com “buchim”...Ele não vem aqui, mas eu sei que vinha. (difícil identificação)

HOMEM: A senhora conhece Renato também, né!?

SENHORA: Num tem meu conhecimento não.

HOMEM: RE-NATO!

SENHORA: Uhn!?

HOMEM: Renato Dantas... Era o que tirava muitas foto... A senhora conhece ele demais, ele conhece a senhora! É que a senhora num tá alembrada. (pausa) Ele era secretário de saúde, um tempo... Ô! De cultura, um tempo desse. Só vivia aqui no...

SENHORA: É!?

HOMEM: Era muito amigo de (não identifiquei o nome)

SENHORA: É!? (não identifiquei o nome)...

HOMEM: (não identifiquei o nome), foi bom ou foi ruim?

SENHORA: Todos que entraram aqui foram bom. Todos!

HOMEM: A senhora mora aqui nessa casa é!?

SENHORA: Tô passando a chuva.

HOMEM: (risos) Quantos ano de chuva já!?

SENHORA: 80 ano faz que eu vou lá aqui no... Nós tá morando aqui. (difícil identificação)

HOMEM: Mas morando aqui?

SENHORA: Não, eu morava ali perto.

HOMEM: Certo.

SENHORA: Com meus pais. Aí morreram. Aí eu trabalhava aqui o dia todim. Comé que eu ia embora pra casa? Meus pais morreram, aí eu passei a ficar só. Aí passava/passava a chuva.

HOMEM: Aqui?

SENHORA: (difícil identificação)passando chuva.

ENTREVISTADORA: Qual que é o nome completo da senhora?

SENHORA: Luíza Maria dos Santos.

ENTREVISTADORA: 80 anos que a senhora mora aqui?

SENHORA: No outro!

ENTREVISTADORA: No outro.

SENHORA: Mas sempre trabalhava (difícil identificação)

ENTREVISTADORA: E a senhora nasceu aonde?

SENHORA: Campina Grande. Nasci, batizei e me cremei.

ENTREVISTADORA: E veio pra cá com quantos anos?

SENHORA: Mais ou meno com... uns doze.

ENTREVISTADORA: E veio em Romaria?

SENHORA: Uhn!?

ENTREVISTADORA: Veio em Romaria?

SENHORA: Não, viemo. Meu pai veio pra morá.

ENTREVISTADORA: Pra morá...

SENHORA: Porque meu/minha avó era...

HOMEM: Devota.

SENHORA: É. Era devota a Padre Cisso. Aí mando pedir uma benção, aí ele/aí ele mando. Num sei, eu num sei se foi ele ou se foi a igreja que escreveu, sei que a carta... a assinatura era dele. Diz foi ele que escreveu, eu não sei bem. Porque se eu tivesse visto, mas diz que foi ele. Diz que mandô pedir uma bença e mandô (difícil identificação) fazê queixa que a filha dela queria entrar na lei dos crente, que ele andava lá era muito e induzi a menina pra entrá. Aí ela mandô pedi, aí ele... se a menina podia entrar. Ele mandou outra carta pra ela, falando sobre a menina, sobre a crença, como ela vivia, como ela era, a mãe Maria. Ela era (difícil identificação) a veia!? Que ia assistir com as mulheres? Ela era assim, ela era (difícil identificação). Agora, quando ela chamava

(difícil identificação). Quando ela chegava lá que ela. A mulher disse “ Essa mulhe aqui num dá jeito não. Nem uma mulhe, mulhe nenhuma dá jeito. Porque o senhô não leva ela para o médico? De ela morrer aí e o senhor casá com outra. Se quiser criar cria, mas se não quiser, num cria. Aí... ele num levava, chamava a outra não morria. Quando num era assim/era conhecia, ela era assistente, mas era uma santa, realizava alguns atos. Aí Padre Cisso mandou uma carta pra ela sobre a filha dela queria tá na lei dos crentes. (difícil identificação). Aí... E aí a filha dela num entrô. E ele mando o Rosado pra ir lá sozim e ela era viúva, mandô lá sozim. Diga, aí ele chamô minha afilhada Maria Campina, ela mandô uma carta pra ele e ele voltou pra ela. Minha vó, ela tinha essa carta (difícil identificação). Aí meu pai... Sim! Aí (difícil identificação) uma casinha pra ela, uma morada que ele morou em Juazeiro. Aí ele na carta mandou dizer “minha afilhada Maria Campina tenha paciência, tem um terrenozim pra você fazê uma casinha. Se você num vinher, sua família vem!” – Olha, ela morreu! E quem veio foi meu pai, quando meu pai chegou aqui, aí deram uma morada na terra de Padre Cisso. Deram uma morada! Aí pai ficou. Padre Cícero era muito bom, era não, é! Ele é caridoso, só quem era, era ele. Aquela beata mocinha que tá ali com a saiaona mais ele, ela tomava muito gato. Diz igual lá em (difícil identificação) quem quer bem não excede nada, eu não excedia! (risos) Aí minha filha/ aí minha filha aí diz que ela (difícil identificação) dele. É, quando dava presente ali na mesa, uma coisa pra ele lá de Juazeiro, ela pegava, ele pegava e dizia “Toma mocinha” – Era assim (difícil identificação). Às vezes/às vezes ele tava deitado, descansando um pouco, e eu é/eu também (difícil identificação) num entregava não, num gosto de gato. Aí ela/ele mandava “arreda a rede aí pra eu descansar um pouco aí.”. Chegava tão vermelho “ eu quero ver meu padrinho! Eu quero ver meu padrinho! Eu quero conversar com meu padrinho!” – Aí ela corria chamar ele, ia chamar... e era o gato. (difícil identificação) “Quê que tem que você me chama? É pra me chamar mermo. (difícil identificação)”. - (difícil identificação). Além daquela mesa, tinha dois armador que a menina, eles gostava de música. Diz das menina tocando violão e ele deitado na rede, assistindo e cantando pra ele, ele gostava de música. Aí quando organizaram a casa, arrancaram num sei pra quê!

HOMEM: Pra quê, né!?

SENHORA: É... Arracaram né. (difícil identificação)

ENTREVISTADORA: Tá bom! Muito obrigada, viu!? Pela/ Pelas histórias...

SENHORA : Qué dizer que você é filho daqui?

HOMEM: Sô. Mas meu avô era de Alagoas...

SENHORA: É!?

HOMEM: Veio como Romero e Padre Cícero de operação de chão aí também aí.

SENHORA: Olha, sempre acostuma o pessoal daqui de ser filho de romeiro, diz Padre Cícero diz que é romeiro também.

HOMEM: É. (difícil identificação)

SENHORA: Padre Cisso dizia que filho de romeiro é romeiro também.